



Análise de contexto no Jornalismo: considerações para uma proposta metodológica

Ana Paula Lückman¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo: O artigo explora possibilidades metodológicas para análise de contexto no jornalismo. Parte-se da observação de que a atribuição do jornalismo de contextualizar os acontecimentos tem sido enfatizada em estudos recentes, sobretudo em função da intensa circulação de informações proporcionada pelas mídias digitais. Apresenta-se, inicialmente, proposta conceitual para as noções de contexto e de contextualização no jornalismo, alicerçadas na teoria da complexidade e em alguns de seus principais conceitos estruturantes. Sustenta-se que, ao contextualizar os acontecimentos, o jornalismo reafirma seu importante papel como forma de conhecimento social. A partir desse referencial teórico, desenvolve-se breve exploração empírica com a análise de texto jornalístico situado na temática da pandemia de Covid-19, identificando as operações de contextualização nele utilizadas.

Palavras-chave: contexto; contextualização; jornalismo; complexidade; análise de contexto.

1 Introdução

Há 25 anos, quando a internet ainda começava a se disseminar como rede global,² o pesquisador norte-americano Michael Schudson (1995) vislumbrava um cenário

¹ Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestra em Jornalismo e em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Jornalista no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). E-mail: ana.luckman@gmail.com.

² Embora a origem da internet remonte aos anos 1970, quando a então chamada rede Arpanet começou a ser desenvolvida pelo governo dos Estados Unidos e empresas privadas para possibilitar compartilhamento de informações descentralizadas, foi a *world wide web* que possibilitou que a rede mundial passasse a ser acessada por computadores domésticos. O processo foi impulsionado com a criação de uma série de ferramentas necessárias para o funcionamento da rede: as *Uniform Resource Locators* (URL), a linguagem *Hypertext Markup* (HTML), o protocolo *Hypertext Transfer* (HTTP) e a própria WWW, todas desenvolvidas pelo britânico Tim Berners-Lee. O ano de 1991 é considerado o marco de criação da internet como a conhecemos hoje (ISAACSON, 2014).

que, em grande medida, hoje se mostra consolidado: amplamente disseminada,³ a internet mudou radicalmente a relação emissor-receptor e vem forçando uma espécie de “reinvenção” compulsória do jornalismo. Porém, os efeitos desse processo superam em muitos aspectos a expectativa do autor, que afirmava, então, não acreditar num enfraquecimento da importância social do jornalismo. Passadas quase três décadas de experiência on-line, tanto o jornalismo quanto a sociedade de forma mais ampla ainda se adaptam e aprendem a lidar com as transformações decorrentes de novas formas de comunicação.

No relatório “Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos”, publicado em 2012 e traduzido no Brasil no ano seguinte, Anderson, Bell e Shirky (2013) evidenciam a constante necessidade de que o jornalismo encontre lugar nessa nova realidade para que mantenha sua relevância. Ao possibilitar a emergência de novos tipos de mídia e diferentes formas de interação, a internet trouxe uma nova ambiência comunicacional em rede à qual todas as esferas da vida em sociedade vêm se adaptando. Os autores ressaltam que é equivocada a visão de que a internet seja um novo tipo de mídia, assim como se sucederam, ao longo dos séculos 19 e 20, o jornal impresso, o rádio e a televisão, os mais antigos adaptando-se em formato e linguagem à medida que os novos surgiam. “A chegada da internet não trouxe um novo ator para o ecossistema jornalístico. Trouxe um novo ecossistema” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 73).

Ao descrever o “ecossistema jornalístico” contemporâneo, Anderson, Bell e Shirky (2013) sugerem perceber o jornalismo como integrante de um todo que envolve não apenas a tríade notícias, jornalistas e instituições, mantidos com o subsídio da publicidade – que compunham o ecossistema do jornalismo industrial. O jornalismo chamado por eles de “pós-industrial” é parte de um sistema mais amplo com novos componentes interligados, como a maior interação com a audiência, a participação dessa mesma audiência como protagonista e fonte de notícias, as tecnologias de informação e comunicação, as novas formas de trocas possibilitadas por elas e a quantidade imensamente maior de meios disponíveis, o que acarreta, também, um grande volume de informa-

³ O acesso à internet em 1995 restringia-se a 16 milhões de usuários em todo o mundo (CASTELLS, 2003). Atualmente, a rede mundial é acessada por 62% a população mundial, o que equivale a 4,86 bilhões de pessoas, de acordo com dados da *Internet World Stats* atualizados em 30 de junho de 2020 (acesse em: <https://www.internetworldstats.com>).

ção em intensa circulação multidirecional. A mudança na natureza do financiamento dos meios e os novos princípios organizadores possibilitados pela internet – como, por exemplo, a distribuição universal on-line e a obsolescência dos suportes analógicos – são outros parâmetros que caracterizam esse novo ecossistema (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Ante o novo ecossistema jornalístico, vários pesquisadores da área vêm buscando identificar os diferenciais do jornalismo profissional, hoje, em meio a uma avalanche de informações que circulam de forma multidirecional. A atribuição de contextualizar os acontecimentos aparece com destaque não só no já citado trabalho de Anderson, Bell e Shirky (2013), como também em estudos de Kovach e Rosenstiel (2010; 2014), Fink e Schudson (2014), Anderson, Downie Jr. e Schudson (2016), Zamith (2011) e Canavilhas (2006; 2013; 2014) – os dois últimos, relacionando de forma direta o ato de contextualizar com a utilização de recursos da *web*. Essa ênfase contrasta com a produção teórica anterior à Era da Informação,⁴ na qual os trabalhos tendem a mencionar a atribuição de contextualizar os acontecimentos de forma coadjuvante e pouco precisa (LÜCKMAN; FONSECA, 2017; LÜCKMAN, 2020).

Assumindo a concepção de que o jornalismo é uma forma de conhecimento social, recorro a Morin (2006) na compreensão de que conhecimento e contexto não noções indissociáveis, na perspectiva complexa. A partir desse referencial, sustento a ideia de que, na Era da Informação, o jornalismo contextualizado consolida sua relevância social enquanto forma de conhecimento. Para além da reflexão teórica necessária em torno da compreensão do conhecimento, proponho, na sequência, definições para as noções de contexto e de contextualização. Dessa reflexão teórica decorre a proposta metodológica para observação empírica dos recursos de contextualização utilizados em textos jornalísticos de notícias.

⁴ “Era da Informação” é a expressão utilizada pelo catalão Manuel Castells (2001; 2003; 2015) para designar o período histórico de transição dos séculos 20 para 21, marcado pela emergência de uma nova forma social, a “Sociedade em Rede”, organizada em torno de redes digitais de comunicação e na qual a “autocomunicação de massa” é uma das principais transformações.

2 Conhecimento, jornalismo e contexto

Refletir sobre a noção de conhecimento em um sentido mais abrangente é um passo importante para sustentar a ideia de que o jornalismo é uma forma específica de conhecimento, assim como para atualizar essa perspectiva ao cenário atual. Pensar teoricamente sobre o conhecimento, porém, tende a levar a estratégias de tipificação: a elaboração de uma abstração conceitual pode ser difícil sem o recurso de uma exemplificação, e a questão “o que é conhecimento?” quase automaticamente converte-se em “quais são os tipos de conhecimento?” Isso é perceptível na literatura que relaciona conhecimento e jornalismo, na qual, em geral, o conhecimento do jornalismo é apresentado como um tipo peculiar de conhecimento social (ou seja, produzido e processado coletivamente) que tem aproximações com o conhecimento científico e com o senso comum (PARK, 1940; MEDITSCH, 1999; 2008; FONSECA, 2000; SPONHOLZ, 2009; LÜCKMAN, 2020). Genro Filho (2012) pode ser considerado exceção, com sua proposição de que o jornalismo, historicamente, “[...] se constituiu como uma nova modalidade social de conhecimento cuja categoria central é o singular”. O autor ressalta a escolha por considerar o conhecimento como “[...] momento da práxis, vale dizer, como dimensão simbólica da apropriação social do homem sobre a realidade” (GENRO FILHO, 2012, p. 23-24).

Elemento basilar na teoria da complexidade, o conhecimento pode parecer, em primeira análise, uma ideia “una e evidente”. Morin (2015) chama a atenção para o desafio de pensar a respeito dessa noção de forma que não incorra em simplificação. É preciso investigar os processos pelos quais se conhece, e essa reflexão, para o autor, gera novas interrogações e desdobra-se em outras noções, como saber, informação, percepção, razão e muitas outras. “Desde o início, estamos situados diante do paradoxo de um conhecimento que não somente se despedaça desde a primeira interrogação, mas que também descobre o desconhecido em si mesmo e ignora até mesmo o que significa conhecer” (MORIN, 2015, p. 17). Trata-se de uma noção multidimensional, que comporta competências (aptidões para produzir conhecimentos), atividades cognitivas e saberes. Os instrumentos de produção do conhecimento são o aparelho cognitivo, a cultura e os meios culturais. Para Morin, o conhecimento organiza informações a partir de

estruturas teóricas, traduz e reconstrói a realidade (não podendo refleti-la diretamente) e envolve também processos de interpretação (LÜCKMAN, 2020). Conhecer, numa definição sucinta, seria, portanto, “[...] produzir uma tradução das realidades do mundo exterior” (MORIN, 2008, p. 161). Organizador, o conhecimento é um nível de realidade diferente da informação – esta, formada por parcelas dispersas de saber. “O conhecimento só é conhecimento enquanto organização, relacionado com as informações e inserido no contexto destas” (MORIN, 2006, p. 16).

Historicamente, a organização social do conhecimento levou a uma separação entre ciência e filosofia, o que resultou em seu despedaçamento em múltiplas partes. Esse processo, segundo Morin (2006), permitiu que a organização dos saberes em áreas específicas conduziu aos notáveis progressos do conhecimento. No entanto, também sedimentou uma visão de mundo em que as disjunções são predominantes, como sujeito/objeto, corpo/alma, ciência/filosofia, ser humano/natureza, entre outras, enquanto realidades e problemas têm natureza polidisciplinar, transversal, multidimensional, global, muitas vezes não explicáveis por meio de equações binárias. Frente a essa observação, Morin sustenta que o conhecimento complexo deve operar na direção da contextualização: pôr em contexto as informações, saberes, aspectos integrantes da realidade observada.

[...] o conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. [...] a aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada (MORIN, 2006, p. 15-16).

Na perspectiva complexa, portanto, o conhecimento só é pertinente quando colocado em contexto, pois um conhecimento especializado, compartimentado e abstrato fecha-se ao diálogo e à comunicação com o meio, atrofiando assim sua relevância. Contextualizar, na lógica complexa, é religar os saberes de maneira coerente, lançando mão de princípios de organização que não são propostos como “receita”, mas como estratégias de pensamento que mobilizam a inteligência do sujeito que observa. Essa perspectiva pode ser transposta para o jornalismo. Situar um acontecimento em seu contexto

não significa apenas inscrevê-lo em um cenário ou ponto de vista, mas implica a busca por relações e inter-retroações entre o acontecimento ou fenômeno e o contexto; reconhecer a unidade dentro do diverso e o diverso dentro da unidade; compreender como uma mudança local gera repercussões no todo e vice-versa; reconhecer a unidade e a singularidade humanas em meio a diversidades culturais. Para Morin, essa forma de pensar é uma aptidão natural que tradicionalmente é desarticulada no sistema de educação, assim como nos sistemas sociais de forma geral (MORIN, 2003; 2006; 2010a).

Embora sua obra mais importante, em seis volumes, seja nomeada “O método”,⁵ Morin costuma enfatizar que essa ideia não deve ser compreendida como o desenho de procedimentos metodológicos ou técnicas de pesquisa. “Uma metodologia define um programa de trabalho preciso e definitivamente estabelecido. Meu método pretende ser uma ajuda para o espírito para que ele enfrente as complexidades e elabore suas estratégias” (MORIN, 2010a, p. 242). Na comparação com o paradigma cartesiano, o autor considera que o método de Descartes se aproxima de uma metodologia, já que prescreve processos a serem seguidos para chegar ao conhecimento. Já o método da complexidade indica exigências a serem satisfeitas para tratar a complexidade; pressupõe a construção do conhecimento por meio da superação do pensamento simplificador, fazendo uso consciente de estratégias cognitivas. “O objetivo do método, aqui, é ajudar a pensar por si mesmo para responder ao desafio da complexidade dos problemas” (MORIN, 2015, p. 37). De forma mais ampla, o paradigma da complexidade é a visão de mundo que vai mobilizar as questões do sujeito observador na elaboração de suas interrogações em torno da situação, objeto ou questão que analisa. Embora não tenha ou não seja necessariamente uma metodologia, a complexidade pode ter um método: para Morin, o método da complexidade sugere que se pense nos conceitos sem que estes sejam dados por concluídos, mas sempre como conhecimento em construção:

⁵ Os seis volumes da obra “O método” foram publicados entre 1977 e 2004, de forma intermitente, dando espaço à produção e publicação de outras obras entre eles. Os subtítulos dos volumes – “A natureza da natureza”, “A vida da vida”, “O conhecimento do conhecimento”, “As ideias”, “A humanidade da humanidade: identidade humana” e “Ética” – indicam o escopo de cada um, porém o alicerce da obra é a proposta de um método multidimensional que dê conta da complexidade dos fenômenos (LÜCKMAN, 2020).

[...] para quebrarmos as esferas fechadas, para restabelecemos as articulações entre o que foi separado, para tentarmos compreender a multidimensionalidade, para pensarmos na singularidade com a localidade, com a temporalidade, para nunca esquecermos as totalidades integradoras. É a concentração na direção do saber total, e, ao mesmo tempo, é a consciência antagonista e, como disse Adorno, “a totalidade é a não-verdade”. A totalidade é, ao mesmo tempo, verdade e não-verdade, e a complexidade é isso: a junção de conceitos que lutam entre si (MORIN, 2010b, p. 192).

A proposição moriniana do método da complexidade delimitou-se em torno da palavra “método” após um longo amadurecimento na trajetória do autor como pesquisador social, na qual, com frequência, deparou-se com situações que o levaram a questionar a pertinência da observação pela via da simplificação. O método cartesiano, observa, extrapolou o território da pesquisa científica e se enraizou na cultura e no cotidiano. Na observação da realidade social, Morin aspirava ao pensamento multidimensional, que enfrentasse a contradição e encarasse o fato de que verdades antagônicas poderiam, também, ser complementares. O pensamento da complexidade exige tratar o real, estabelecer um diálogo e uma negociação de forma coerente com os princípios da complexidade. O “método”, portanto, trata “[...] da reforma necessária dos próprios princípios de nosso conhecimento, reforma que diz respeito tanto às ciências naturais, às ciências humanas, à política quanto a nossa vida cotidiana” (MORIN, 2010c, p. 40).

2.1 Contexto e contextualização no jornalismo: delineamento dos conceitos

Na noção maior de complexidade como macroconceito, portanto, podem-se identificar vários conceitos associados que estabelecem relação recorrente entre si. Em trabalho anterior, apresento uma revisão desses conceitos integrantes da noção de complexidade que são relevantes para o estudo do jornalismo como conhecimento, com foco na questão do contexto: paradigma, razão, sistema (ou organização), dialogia, recursividade, holograma, acontecimento, singularidade e crise (LÜCKMAN, 2020). A partir da identificação dessas noções, que correspondem, também, às operações cognitivas que envolvem o processo de conhecer, desenvolvo um desdobramento metodológico para a análise de contexto no jornalismo.

Como já mencionei na Introdução, a percepção do papel do jornalismo na contextualização dos acontecimentos vem recebendo ênfase nas pesquisas da área, nos anos

mais recentes. Em que pesem relevantes contribuições que situam um “jornalismo contextualizado” no espectro das possibilidades técnicas dos recursos digitais e on-line (PAVLIK, 2001 *apud* ZAMITH, 2011; CANAVILHAS, 2006; 2014), a clareza da relação entre o contexto e o processo de construção do conhecimento deve ser buscada antes de se explorar práticas de uso de hiperlinks, linguagem multi e hipermídia ou as possibilidades diversas dessas tecnologias (LÜCKMAN, 2020).

Ao buscar uma elaboração conceitual que relacionasse contexto, jornalismo e conhecimento, propusemos de início uma abordagem que associa o processo de contextualização à investigação de um *background* o mais detalhado possível dos acontecimentos, dentro dos limites de espaço ou tecnologias disponíveis. Uma segunda compreensão é o fornecimento do máximo de informações relevantes relacionadas aos antecedentes históricos e sociais do acontecimento transformado em notícia (LÜCKMAN; FONSECA, 2017). Retomando a ideia central inspirada em Morin (2006) de que o conhecimento só é pertinente quando colocado em contexto, infere-se que o jornalismo, como forma de conhecimento, também cumpre melhor seu papel social quando contextualizado. Se conhecimento é o processo de apropriação crítica da realidade, como define Genro Filho (2012), o jornalismo teria uma importante atuação nesse processo de apropriação crítica – enfatizada, inclusive, no cenário comunicacional da Era da Informação.

Tendo em conta essa compreensão mais ampla de conhecimento e suas relações com o jornalismo, bem como a lacuna teórica revelada pela ausência de um conceito de contexto específico para a área, lanço as seguintes proposições:

Contexto é o recorte da realidade relacionado ao acontecimento jornalístico que será representado simbolicamente como notícia. Esse recorte pode ser de maior ou menor amplitude, a depender das escolhas do jornalista, de seus referenciais epistêmicos e ideológicos, das peculiaridades do meio onde a notícia será publicada ou das possibilidades empíricas de alcance do fragmento a ser recortado. **Contextualização** é o processo de articulação complexa de elementos que, na construção da notícia, busca situar o acontecimento jornalístico dentro do recorte da realidade à qual pertence, com o estabelecimento do maior número possível de conexões entre esse acontecimento e os elementos relevantes a ele relacionados, partindo dos aspectos singulares e identificando informações conexas, pertinentes e consistentes que contribuam para ampliar a compreensão crítica sobre o tema, possibilitando, assim, a produção de conhecimento (LÜCKMAN, 2020, p. 167-168).

As duas noções são complementares e indissociáveis: enquanto o contexto pode ser comparado a uma paisagem ou a um cenário, a contextualização é a estratégia de recorte dessa imagem. Se compararmos o contexto a uma rede, a contextualização pode ser encarada como a estratégia que identifica e estabelece as conexões mais relevantes entre os nós que formam a rede. Nessa dinâmica, a presença do sujeito pensante que observa e define os elementos a serem conectados no cenário é indispensável. “Não há conhecimento ‘espelho’ do mundo objetivo. O conhecimento é sempre tradução e construção. Daí resulta que toda observação e toda concepção devem incluir o conhecimento do observador que concebe” (MORIN, 2010c, p. 200-201). Pensar o contexto como um macroconceito – ou seja, como constelação de conceitos associados e interdependentes (MORIN, 2010b) – implica reconhecer as noções dele componentes, das quais destacamos realidade, acontecimento jornalístico, notícia, inclusão do sujeito no processo de conhecimento e articulação complexa (LÜCKMAN, 2020).

3 Exercício metodológico para análise de contexto

A partir da proposição conceitual, passo ao exercício metodológico para análise do trabalho de contextualização em textos jornalísticos. Essa proposta é elaborada com referência em noções-chave que articulei a partir das categorias morinianas da complexidade e das pesquisas sobre jornalismo contextual de Fink e Schudson (2014) e de jornalismo contextualizado de Zamith (2011). A definição de categorias como guias para orientação da análise foi elaborada com auxílio de Bardin (2002): elas funcionam como rubricas que permitem a classificação dos elementos de significação a serem analisados.

Entendo, dessa forma, cada categoria de análise como uma diferente estratégia de contextualização a ser identificada nos textos observados. Os grupos de categorias são organizados em três estágios de observação, descritos no Quadro 1:

Quadro 1 – Metodologia de análise dos exemplos

Estágios de observação e Objetivos	Categorias e definições	
<p>ESTÁGIO 1: Observação panorâmica</p> <p>Primeira aproximação com o texto em análise: identificação de noções associadas à complexidade</p>	Paradigma	Princípios organizadores do conhecimento que denotam a visão de mundo que orienta o texto
	<i>Imprinting</i> , normatização	Noções sedimentadas, naturalizadas culturalmente; silenciamento de manifestações contrárias a essas ideias
	Razão, racionalidade, racionalização	As três noções estão relacionadas à forma como as pessoas veem a realidade. A razão é a visão coerente dos fenômenos; a racionalidade é o desdobramento que permite ao sujeito dialogar de forma aberta com o mundo real; a racionalização, ao contrário, é fechada e encerra a realidade em um sistema coerente.
	Sistema, organização	Num sistema, os elementos se organizam de forma solidária e indissociável
	Dialogia, recursividade, holograma	A dialogia diz respeito ao enfrentamento e assimilação das contradições; o princípio recursivo rompe a ideia linear de causa-efeito; e o princípio hologramático considera que um todo pode ser ao mesmo tempo mais e menos do que a soma de suas partes.
	Acontecimento, singularidade	São noções associadas. O acontecimento é tudo o que está relacionado ao improvável, singular, acidental
	Crise	Situação de aumento na desordem e da incerteza dentro de um sistema individual ou coletivo
<p>ESTÁGIO 2: Elaboração cognitiva</p> <p>Identificação dos objetivos do texto: explicar? mostrar tendências? descrever? Ou há outra diretriz?</p>	Explicativas	Auxiliam o leitor na compreensão de temas complexos
	De indicação de tendências	Mostram tendências de evolução temporal nos assuntos tratados
	Descritivas	Mobilizam a imaginação dos leitores, transportando-os para os lugares onde os acontecimentos ocorrem
<p>ESTÁGIO 3: Operacionalização de recursos de hipermídia</p> <p>Observação do aproveitamento de recursos de hipermídia para o enri-</p>	Hipertextualidade	Estruturação do texto principal de forma articulada com vários textos secundários interligados
	Multimedialidade	Combinação de diferentes linguagens e tecnologias (texto, imagens, som)
	Interatividade	Possibilidades de interação humana
	Instantaneidade	Redução do tempo entre a publicação e o acontecimento (ou mesmo simultaneidade, com a realização de transmissões ao vivo)
	Ubiquidade	Estruturação dos conteúdos de forma que possam



quecimento da experiência do leitor, com acréscimo efetivo de contexto ao assunto abordado por meio desses recursos		ser compreendidos em qualquer lugar e a qualquer tempo
	Memória	Uso de recursos que promovam a recuperação de informações anteriores à publicada
	Personalização	Possibilidade de alteração da configuração de sites, portais ou newsletters de acordo com as preferências do usuário
	Criatividade	Aproveitamentos das potencialidades da internet não previstos nos itens anteriores

Fonte: Lückman (2020), elaborado a partir de Morin (2008a, 2008b, 2011a, 2011b, 2011c, 2012a, 2015), Fink e Schudson (2014) e Zamith (2011).

Desenvolvo o presente exercício com a análise de uma notícia publicada no portal da Folha de S.Paulo em 20 de julho de 2020, intitulada “Vacina de Oxford é segura e produz resposta imune, diz estudo na Lancet”. Situado no cenário da pandemia de Covid-19, o texto tem como aspecto singular, que gera o gancho factual, a publicação de estudo científico anunciando resultados positivos no processo de desenvolvimento de vacina contra o coronavírus SARS-CoV-2, causador da doença.

No primeiro estágio de observação, de **visualização panorâmica**, é possível inferir que o paradigma que orienta a construção do texto é o da racionalidade científica, dado que aborda um acontecimento de grande importância, que é o avanço no desenvolvimento de uma vacina para uma doença grave, altamente contagiosa e com alto índice de letalidade. A racionalidade científica é uma categoria estruturante enquanto modelo explicativo da realidade na construção do texto, que busca traduzir, em linguagem acessível ao leitor não especializado, a relevância do resultado parcial do estudo em busca da imunização contra o coronavírus e os desdobramentos que deverão ocorrer a partir disso. Além disso, o acontecimento é situado no cenário de crise provocado pela pandemia, no qual estão presentes as ideias adjacentes de perturbação, desordem, incerteza e busca de soluções para a reversão do quadro crítico.

O segundo estágio, da **elaboração cognitiva**, permite observar no texto as categorias predominantes de explicação e descrição. A quantidade de informações articuladas tem caráter técnico, mas elas tornam-se mais claras por meio de recursos explicativos, inclusive com a citação de frases das fontes entrevistadas. O quadro que descreve fase a fase como se desenvolve uma vacina é outro recurso explicativo e descritivo. O

texto contempla também a categoria da indicação de tendências, já que apresenta os estágios subsequentes a serem cumpridos pelo estudo.

O terceiro estágio de observação refere-se à **operacionalização de recursos de hipermídia**. Em termos de hipertextualidade, a matéria em análise apresenta recursos como: hiperlinks para 14 textos anteriores publicados no portal da Folha, todos sobre os esforços em busca da vacina contra o coronavírus; link direto para a fonte original do estudo científico abordado, que é a revista científica Lancet; ilustração mostrando a técnica utilizada para o uso de vírus de outras doenças no transporte do material genético para células humanas; galeria com imagens de cientistas em laboratórios trabalhando no desenvolvimento de vacinas – porém, sem conteúdo factual ou imagens de fontes entrevistadas na matéria em questão; e quadro explicativo sobre os estágios de desenvolvimento de vacinas. Com esses recursos, portanto, na terceira etapa de observação é possível visualizar os recursos da hipertextualidade, multimídia, ubiquidade, memória e personalização.

Este breve exercício com uma única matéria permite observar o trabalho de contextualização em um texto jornalístico factual, que aborda questões técnico-científicas por meio de recursos que vão além das questões básicas do *lead* jornalístico clássico. É possível observar, com a orientação da metodologia proposta, que razão, laicidade e saber científico são princípios orientadores do veículo em questão. A preocupação com a contextualização por meio de uma explicação detalhada dos acontecimentos, seja recorrendo a comparações e detalhamento de processos, também se faz presente na escolha das autoras da matéria. Já as potencialidades da internet são utilizadas na prática como recurso enriquecedor, uma vez que permitem que o leitor amplie a compreensão do assunto ao navegar pelos conteúdos complementares sugeridos ao longo do texto.

4 Considerações finais

Neste trabalho, sustentei que, ao contextualizar os acontecimentos, o jornalismo pode consolidar sua função social de relevância na Era da Informação e afirmar sua importância como mediador qualificado no ambiente comunicacional onde a informação circula de forma acelerada, desordenada e excessiva. Perceber e enfatizar a importância do papel de contextualização no jornalismo nesse cenário, porém, leva à percepção de

duas necessidades: primeiro, a de compreender de forma rigorosa o que é contextualizar, como o jornalismo contextualiza e o que é, afinal, contexto no jornalismo. Vislumbrando essa lacuna, busquei contribuir com a revisão teórica e a proposição conceitual, desenvolvidas em trabalho anterior (LÜCKMAN, 2020) e aqui sintetizadas. A segunda necessidade é a de visualizar, metodologicamente, como o conteúdo jornalístico pode organizar a reconstrução dos acontecimentos.

A metodologia aqui proposta, ainda suscetível a experimentações e aprofundamentos, indica caminhos para o desenvolvimento de novos estudos nessa linha, que julgo promissora e necessária não apenas para a pesquisa que envolva análise de veículos, mas também para o ensino de jornalismo.

Referências

- ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, n. 5, ano 2, Abr./Mai./Jun. 2013, p. 30-89.
- ANDERSON, C.W.; DOWNIE JR., Leonard; SCHUDSON, Leonard. **The News media: what everyone needs to know**. New York: Oxford University Press, 2016.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.
- BOTALLO, Ana; PINTO, Ana Estela de Sousa. Vacina de Oxford é segura e produz resposta imune, diz estudo na Lancet. Folha de S. Paulo, 20 jul. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3aaVkkk>. Acesso em: 20 jul. 2020.
- CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/esp/autor.php?codautor=602>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- CANAVILHAS, João. Jornalismo móvel e realidade aumentada: o contexto na palma da mão. **Verso e Reverso**, XXVII (64): 2-8, janeiro-abril 2013.
- CANAVILHAS, João. Hipertextualidade: novas arquiteturas noticiosas. In: CANAVILHAS, João (Org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã, Livros Lab-Com, 2014. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt/livro/121>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. The rise of contextual journalism, 1950s-2000s. **Journalism**, v. 5, n. 1, p. 3-20, 2014.

FONSECA, Virginia P. S. Um conceito para jornalismo: conhecimento singular ou senso comum? **R. Bibliotecon. & Comun.** Porto Alegre. v. 8, p. 171-182, jan./dez. 2000.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2012. (Série Jornalismo a Rigor, v. 6)

ISAACSON, Walter. **Os inovadores:** uma biografia da revolução digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Blur:** how to know what is true in the age of information overload. New York; Berlin; London: Bloomsbury, 2010. (e-book)

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **The elements of journalism:** what newspeople should know and the public should expect. 3. ed. rev. e ampl. New York: Three Rivers Press, 2014.

LÜCKMAN, Ana Paula. **A noção de contexto no Jornalismo:** uma proposição a partir da Teoria da Complexidade. 2020. 245f. Tese. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/211238>. Acesso em: 31 jul. 2020.

LÜCKMAN, Ana Paula; FONSECA, Virginia P.S. Contexto e contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 14, n. 2, jul./dez. 2017.

MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a way of knowledge. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. 1999. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=71. Acesso em: 02 set. 2019.

MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a Form of Knowledge: a qualitative approach. **Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação**. 2008. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=71. Acesso em: 02 set. 2019.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 8. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 5. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2008b.

MORIN, Edgar. **Meu caminho**. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010a.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. 14. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010b.

MORIN, Edgar. **Meus demônios**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010c.

MORIN, Edgar. O método 3: o conhecimento do conhecimento. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PARK, Robert E. News as a form of knowledge: a chapter in the sociology of knowledge. **American Journal of Sociology**, Vol. 45, n. 5, mar. 1940, p. 669-686. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2770043>. Acesso em: 26 nov. 2018.

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge, Massachussets/London, England : Harvard University Press, 1995.

SPONHOLZ, Liriam. **Jornalismo, conhecimento e objetividade**: além do espelho e das construções. Florianópolis: Insular, 2009.

ZAMITH SILVA, Fernando António Dias. **A contextualização no ciberjornalismo**. 2011. 293 f. Tese. Curso de Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, Universidade do Porto, Porto, 2011.